

FHC

# Executivo Fernando Henrique descarta terceiro mandato, mesmo que o parlamentarismo seja adotado

## “Covas é candidato natural à sucessão”

Ricardo Amaral  
De Brasília

O governador Mário Covas é o candidato natural do PSDB para a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. “Por sua posição como governador do maior Estado da federação e pela liderança no partido, só não será candidato se não quiser”, disse FHC ao Valor. O presidente não acredita que sua sucessão seja decidida em primeiro turno, porque dificilmente se repetirão as condições que o levaram a ser eleito e reeleito com maioria de votos. Garante que não aceita um terceiro mandato nem mesmo sob a capa do parlamentarismo e admite até a vitória de um candidato da oposição. Mais uma vez, FHC ficará fora das eleições municipais.

**Valor:** Com 73% de reprovação nas pesquisas, o sr. vai participar das eleições municipais?

**Fernando Henrique Cardoso:** Eu nunca entrei e vou manter essa conduta. Apenas em São Paulo, minha cidade, digo, como sempre, quem é o meu candidato, que terá o meu voto.

**Valor:** Quem é o seu candidato em São Paulo?

**FHC:** Ué? O do PSDB, sempre.

**Valor:** Qual é o nome dele?

**FHC:** É o Geralzinho Alckmin, que aliás é uma pessoa excelente, de quem gosto muito. É meu candidato, o que for politicamente possível fazer para ajudá-lo, vou fazer. Fora disso eu nunca me meti em eleição municipal. Acho mais: como eu tenho uma coligação grande, como é que eu posso? Vou brigar com a coligação?

**Valor:** Vai ter problemas com seus aliados novamente.

**FHC:** Mas eles sabem que eu não vou me meter nisso. Está no nosso contrato de convivência. Além do mais, já que você falou em pesquisas, o povo não quer que eu me meta nas eleições municipais. Jamais quis. É um grave erro pensar que elas vão ser decididas por questões gerais. Raramente isso acontece.

**Valor:** Em 1985, a invasão militar da usina de Volta Redonda teve repercussões.

**FHC:** Pegou em São Paulo (onde o PT elegeu Luiza Erundina). Isso pode ocorrer; uma tragédia, um imprevisto, e alguém se beneficiar. Mas não é em função de um debate nacional que você faz



O presidente diz que nunca se meteu em eleição municipal: “Como eu tenho uma coligação grande, como é que eu posso? Vou brigar com a coligação?”

ROBERTO JAYME/VALOR

vas, José Serra, Paulo Renato e Tasso Jereissati. O que eles têm em comum, além do PSDB, são críticas ao ministro Malan.

**FHC:** Porque imaginam-se todos competidores dele. Pedro Malan não está na disputa. Tem me pedido para não ser, não quer. Não é candidato hoje e creio que não será daqui a dois anos. Se ele tivesse apoio da sociedade e votos, seria igual ao Serra, ao Tasso, ao Paulo Renato, mas penso sobretudo no Mário Covas, que é o candidato, digamos, mais natural.

**Valor:** Por que Mário Covas?

**FHC:** Porque é governador do maior Estado do Brasil. Como é que eu ganhei a eleição? Em Minas e São Paulo eu venci e aí está o grosso dos votos. Quem for forte em São Paulo ou em Minas é um candidato forte.

**Valor:** Há uma liderança em Minas, o Itamar, na oposição. Ou seja: dessa vez o governo não terá maioria em São Paulo e Minas.

**FHC:** Não sei, acho muito difícil, há forças concorrentes. Por isso, não deve ter vitória em primeiro turno. A divisão hoje no Brasil não permite isso. O grau de agregação que eu representei só se dá em momentos históricos. Pode ser que haja outro, mas não está no horizonte. Não vejo uma eleição baseada em alguém que arraste a metade do País. Mas também não estou vendo, até hoje, programa alternativo. Os que esboçam alguma coisa não mostram programas, só críticas. Por que eu sou presidente? Por que sou inteligente, versado em algumas coisas, vim da universidade? Não. É porque minha candidatura incorporou, através do PSDB, uma visão para o Brasil.

**Valor:** O sr. recusa qualquer hipótese de continuidade, mesmo com parlamentarismo?

**FHC:** Recuso. Tenho razões de ordem pessoal, mas, principalmente, sou profundamente democrático. Acho as renovações necessárias.

**Valor:** Há outros nomes no seu partido ou fora?

**FHC:** Candidatura natural só a do Mário Covas. Pela posição de governador de São Paulo e pela força que ele tem no PSDB. Só não será candidato se ele não quiser. Aí o PSDB teria de entrar na mesa com os outros partidos da aliança e dizer: nosso candidato é fulano de tal. Não sendo assim, tem de discutir com os outros partidos

### O povo não está dizendo que os preços estão subindo. Está dizendo que o que ele tem não é suficiente para o que quer”

a candidatura municipal. Em segundo lugar, eu acho que as eleições municipais são muito importantes para os partidos, para definir a próxima Câmara. Não para definir o próximo presidente da República.

**Valor:** Há partidos apostando no contrário: quem fizer prefeituras importantes contará pontos para sua sucessão.

**FHC:** Não concordo nem acredito que isso vá acontecer. O quadro partidário está muito pulverizado. As prefeituras de capitais estão distribuídas entre vários partidos e devem permanecer assim. Já vi análises prevendo vitórias da oposição que hoje não se sustentam nem como aposta.

**Valor:** O PPS está investindo tudo na campanha municipal para fortalecer a candidatura de Ciro Gomes em 2002.

**FHC:** Investem em algo que, do ponto de vista deles, está correto: a presença do candidato presidencial em campanhas. Na exposição do candidato, não necessariamente no resultado do pleito.

**Valor:** E o sr. não vai ter um candidato para expor?

**FHC:** Mas nós estamos a dois anos e meio das eleições...

**Valor:** E só falta o candidato do governo aparecer.

**FHC:** É o que me diz, por exem-

plo, o Antonio Carlos Magalhães... A história das nossas eleições presidenciais tem sido feita de surpresas. A minha própria foi surpreendente. Em abril de 1994, deixei de ser ministro da Fazenda. Tinha muito pouco nas pesquisas. No final de maio, quase desisti, porque os índices não se mexiam. Não saía lá de baixo. Era difícil enfrentar a campanha. Nunca botei isso para fora, mas disse em casa que estava muito difícil: “Não dá, está se vendo que isso não tem consistência”. Em julho, vi que ia ganhar.

**Valor:** Em julho o Real estava nas ruas.

**FHC:** Mas isso se repetiu em 1998. Em junho, o Lula encostou em mim. Daria segundo turno com certeza. E a crise veio depois, em agosto. A pior época da crise no Brasil foi em setembro e outubro. E eu ganhei com maioria absoluta, no meio da crise.

**Valor:** O sr. sabia da crise, mas ela só ficou patente para a sociedade depois das eleições.

**FHC:** O povo também sabia. Não saía da televisão que havia crise, desemprego. Tanto que minha propaganda foi: quem derrubou a inflação também vai derrotar o desemprego. E aparecia a minha imagem negociando com os líderes do mundo por causa da crise. É muito arriscado dizer dois anos e meio antes qual será o desenho das eleições. As candidaturas só são postas para o povo muito mais próximo da eleição. As pesquisas que circulam agora não têm a menor validade para prever o voto. Isso é para vender jornal, fazer discussões políticas, prestigiar o instituto. A população vai fazer comparações: eu vou jogar fora o que eu tenho hoje para ter alguma coisa me-

lhor amanhã? Ou não? Vai comparar os candidatos. Hoje, o raciocínio é abstrato, porque não estão postas as candidaturas. Então, eu não raciocino em termos destas pesquisas, até porque eu sou sociólogo. Outro dia, jornalistas me perguntaram como eu explico que a inflação este semestre foi a menor da História e a população diz que os preços estão subindo.

**Valor:** E o sr. respondeu?

**FHC:** Que aqueles jornalistas não sabiam ler pesquisas. O povo não está dizendo que os preços estão subindo. Está dizendo que o dinheiro que ele tem no bolso não é suficiente para comprar o que ele quer. O problema é de renda, não é de inflação.

**Valor:** O sr. quer dizer que a demanda do eleitor, hoje, é por emprego e renda?

**FHC:** Sim. Os jovens de 18 ou 19 anos nem sabem o que é inflação, não está na memória deles. E como você teve um aumento na oferta de bens, as pessoas querem ter mais acesso. É natural que assim seja e para isso querem mais renda.

**Valor:** O sr. fará o sucessor se ele tiver um bom programa de emprego e renda?

**FHC:** Não sei se basta isso, mas é fundamental. Eu não queria aquele slogan: quem derrubou a inflação vai derrubar o desemprego. Você pode derrubar a inflação com um ato, mas emprego você cria num processo.

**Valor:** E por que o sr. aceitou o slogan?

**FHC:** Por que a opinião política foi essa. Eu disse que era perigoso, mas o slogan era bom, forte. Voltando ao emprego: ele depende basicamente da taxa de crescimento. A taxa de inflação parou

de crescer. Quando assumi o governo em 1995 só falavam em desemprego e eu dizia: não há desemprego. Era eu que tinha razão naquela época. Convivemos com a idéia errada de que a globalização produz desemprego. O que aumenta o desemprego é a mudança tecnológica, que talvez tenha vindo junto. Mesmo antes da abertura da economia já havia uma mudança tecnológica forte.

**Valor:** O fusquinha do ex-presidente Itamar Franco já foi uma reação a isso?

**FHC:** Já foi uma tentativa de resposta, mas você não vê mais nenhum fusquinha. Foi uma resposta inútil porque não é por aí que resolve o problema. Tem que ter paciência e alguns programas, obviamente. Mas principalmente saber se vai haver ou não vai haver aumento da taxa de investimento. Num primeiro momento de retomada de crescimento, você pára o aumento da taxa de desemprego. Paramos de cair. Isso tem uma importância política também. Nos últimos doze meses foram criados 800 mil empregos. A taxa de investimento cresceu, continua crescendo e os efeitos disso vão aparecer com nitidez.

**Valor:** Na velocidade política que o sr. deseja?

**FHC:** Certamente, não. Mas, politicamente, é preciso lembrar que nós enfrentamos três grandes crises e um choque de petróleo. A despeito disso, a economia reagiu, não perdeu o rumo, continua crescendo. Quanto aos dados sociais não tem nem conversa: todos são positivos, melhores dos que os que recebemos.

**Valor:** Isso costuma terminar no discurso de que se a economia vai bem o governo ganha as eleições.

Não foi o ocorreu no México.

**FHC:** Eu não concordo com esse discurso do “Olhe a economia, idiota”. Digo que a questão é fundamental, mas não é tudo. Numa sociedade de massas, é insubstituível o ator. Eu não sou presidente só porque teve o Real. Você tem que desempenhar funções, falar e ser convincente na televisão, ter capacidade de aglutinar.

**Valor:** Foi por falta de outro ator que o sr. foi à reeleição?

**FHC:** Exatamente. Se tivesse um ator que garantisse a continuidade... Ou então iria para o ar tudo, se não tivesse essa continuidade. E iria com mais velocidade, porque estávamos já na crise. Quando for o momento, você terá de ter alguém que represente o que eu estou dizendo. Que defenda esta política. Para atacar, já está sobrando.

**Valor:** Nesses dois mandatos, só apareceram novos atores na oposição: Ciro Gomes e Itamar, que foram seu aliados um dia. O sr. inibiu seus aliados?

**FHC:** Foram aliados na primeira eleição, é verdade. Mas quem empolga hoje pode não empolgar daqui a dois anos.

**Valor:** O sr. vai encontrar outro FHC na véspera da eleição?

**FHC:** É difícil repetir um candidato e as circunstâncias que me levaram a vencer duas vezes em primeiro turno. Isso, pelo lado do governo. Pode ser até que do outro lado... Não sei. Há um vazio, de fato, sobre quem representa esta nossa política.

**Valor:** O sr. não teme que, não fazendo o seu candidato, alguém se faça?

**FHC:** É um risco, mas não vou ficar contra. Se alguém se fizer, terá meu apoio, nesta linha.

**Valor:** Nomes aos bois: Mário Co-

### Numa sociedade de massas, é insubstituível o ator. Eu não sou presidente só porque teve o Real. Tem que desempenhar”

e construir uma aliança. Não estamos falando ainda de uma personalidade que por seu destaque tenha eletrizado o eleitorado. Pode ser que aconteça e se acontecer, é esse.

**Valor:** Tasso Jereissati fica na sua lista mesmo tendo essa relação ambígua com Ciro Gomes?

**FHC:** Tasso faz o que o PSDB faz em toda parte. A relação dele com o Ciro é um fato local, municipal. Eu aceito isso normalmente. O PFL hostiliza o PSDB em São Paulo e me apóia aqui. O PSDB está com o PSB em Alagoas. Isso fica cheio ênfase porque é o Tasso. Querem criar uma dificuldade de relacionamento dele comigo, o que não existe.

**Valor:** Com Ciro Gomes, ainda tem conversa?

**FHC:** Não, ele está na oposição. Só não entendo o que ele propõe, mas sei que faz oposição.

**Valor:** Se a oposição vencer, será um desastre?

**FHC:** Depende da oposição e principalmente das propostas. Há certos pontos que ela precisa deixar claros, como a atitude em relação à responsabilidade fiscal, ao investimento.

**Valor:** Seria melhor perder para Ciro ou para Lula?

**FHC:** Entre os dois meu coração não balança. É fixo.